c.1. *Há quantos anos estuda e leciona Filosofia? Por qual motivo ingressou nessa seara?*

O meu primeiro contato com a Filosofia nos bancos escolares aconteceu ainda no segundo grau, hoje chamado de ensino médio. Após essa primeira experiência, já na Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1997, aprofundei os meus estudos, culminando com as lições do ilustre Prof. Dr. António Castanheira Neves, na Universidade Católica de Lisboa. São, portanto, 16 anos de caminhada, com a intensidade possível e interesse contínuo.

O gosto pela Filosofia foi algo natural. Desde muito novo tive acesso aos textos clássicos. Naquela época, mesmo sem ter ideia da extensão e profundidade de tais obras, fui já criando essa empatia que, ao fim e ao cabo, tem se revelado consistente – ou insistente.

c.2. *Como descreveria a experiência pedagógica no magistério filosófico?*

Lecionar qualquer tema ligado à Filosofia é uma incumbência árdua. Indo mais além, ser professor no Brasil é uma difícil tarefa. Todos aqueles que militam na área sabem dos problemas enfrentados no dia a dia, passando pela falta de conhecimentos básicos por parte dos estudantes – inclusive o desconhecimento da própria língua portuguesa, o que limita a compreensão das aulas expositivas e do material didático indicado –, passando pela visão equivocada de que aquilo que não tem sentido prático imediato ou rapidamente apreensível é de menor ou de nenhum valor.

Pensando especificamente no ensino superior, o conteúdo programático é por vezes negligenciado de maneira quase institucional. Quero dizer, com isso, que a maior preocupação não é o nível com que se forma o acadêmico, mas quantos acadêmicos acabam por se formar. É uma péssima maneira de encarar o que deve ser – o objetivo a ser alcançado por – uma instrução superior.

Isso porque a educação não é comércio e tampouco se mede com estatísticas. A boa formação deveria ser de interesse público, pois é uma necessidade nacional e condição *sine qua non* para o pleno desenvolvimento do indivíduo.

c.3. *Como vê a questão do ensino de Filosofia no Brasil atualmente?*

Ensinar – a atividade em si – é sempre gratificante. Porém, com pesar percebo que o ensino da Filosofia no Brasil, dentro do contexto educacional do país, é um verdadeiro desafio.

Em primeiro lugar, luta-se contra o desinteresse de grande parte do corpo discente. Como disse há pouco, criou-se um certo consenso de que tudo aquilo que não possui utilidade imediata não é importante.

Na Faculdade de Direito, ambiente em que tenho maior contato, muitos estudantes não conseguem perceber a importância de disciplinas fundamentais como a Sociologia, a História e a Filosofia. A lógica, o estudo da linguagem e a argumentação jurídica são, para a grande maioria, "Minotauros" indecifráveis e é quase um luxo dedicar algumas horas semanais de estudo a esses temas.

Em segundo lugar, assinalo que parte da culpa desse estado no qual nos encontramos deve ser atribuída aos professores. Digo isto porque alguns colegas permitem ou estimulam o desmerecimento de seu próprio trabalho. A cobrança, em sala de aula, deve ser mais dura, com o amparo – fundamental, indispensável – das respectivas instituições de ensino.

c.4. *Qual a sua visão a respeito dos indo-europeus e a sua tradição junto aos Gregos arcaicos e clássicos em relação ao conhecimento filosófico e científico contemporâneo?*

O conceito de "indo-europeu", por si só, já é um tema que merece uma análise em apartado. Ainda assim e sem antecipar o conteúdo do

encontro que se aproxima, aponto que os povos anteriormente fixados ou fruto de migrações em tempos imemoriais para o espaço geográfico em que a *Hélade* se desenvolveu aportaram diversas contribuições – exemplos são: o culto do fogo sagrado e a religião doméstica – para a criação do terreno fértil em que foi possível desenvolver a Filosofia.

Não percamos de vista que a história é formada pelo contínuo – ou constante – progresso humano. Em tudo, há uma lógica e um sentido e a evolução histórica nada mais é do que a comprovação dessa realidade. O conhecimento dos antigos, assim, teve como lastro as experiências dos mais antigos e o conhecimento filosófico e científico contemporâneo apoia-se e só é possível a partir do imenso legado cultural helênico.

c.5. *Quais são os desafios do ensino de Filosofia no estado do Paraná?*

Para os educadores, acredito que o principal desafio seja o de tornar o estudo da Filosofia interessante e agradável aos alunos o mais cedo possível.

Dessa maneira, é essencial adequar os programas escolares para permitir a inserção da Filosofia não só como disciplina obrigatória, mas como disciplina aspergida em outras matérias. É, portanto, necessário um esforço multidisciplinar para promover tais alterações.

Ademais, é dever do Estado proporcionar uma educação de qualidade, conforme os artigos 205 e seguintes da Constituição da República. Para o Paraná, fica o repto de efetivar tal direito, contratando e valorizando os professores e, se necessário, qualificar os quadros existentes.

c.6. *O que se poderia dizer aos estudantes de Filosofia e participantes do IF – Sophia – Assis Chateaubriand sobre a participação deles no evento?*

A mensagem que deixo é a de que desfrutem o evento. Aproveito para felicitá-los pela participação, o que demonstra o interesse de cada um. Tal

interesse, aliás, é um passo essencial, porque vos possibilita talvez um primeiro contato com questões instigantes e muito provavelmente inéditas para boa parte da audiência.

Qualificação:

Consultor jurídico, bacharelado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj -, empreendeu seus estudos na Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Foi bolsista do Programa *Erasmus* na Universidade Complutense de Madrid e diplomado na Cátedra *Jean Monnet* em "Conhecimento das Instituições Européias", tendo ainda complementado sua formação acadêmica no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ - nas áreas de Filosofia e História. Especialista em Direito Civil e Processo Civil e professor universitário das disciplinas de Hermenêutica Jurídica, História do Direito, Ciência Política e Teoria do Estado.

Resumo:

Vamos, através do tema proposto, tratar da origem da civilização grega através da discussão sobre a viabilidade conceitual dessa raça ancestral denominada de "indo-européia" espalhada em uma vasta área geográfica. É verossímil admitir a sua existência? Quais teriam sido as instituições, crenças e práticas herdadas pelos helenos? Ademais, qual será o fundamento que justificaria essa existência histórica desse povo primevo? Finalmente, em perspectiva, pretendemos tratar de alguns aspectos pontuais da civilização que se desenvolveu no Mar Egeu – períodos minóico e micênico – verdadeiro alicerce do mundo como o conhecemos nos dias atuais.